



LIVRO DIDÁTICO E O PROFESSOR CRÍTICO-REFLEXIVO: associações possíveis

Hugo de Carvalho Sobrinho¹

Alcinéia de Souza Silva²

Gleiser Mateus Ferreira Valério³

Resumo: Este ensaio faz reflexões sobre educação, livro didático e o professor crítico-reflexivo. Buscamos pensar sobre a educação em uma sociedade capitalista e destacar o livro didático como um instrumento pedagógico que pode funcionar como uma “faca de dois gumes”: por um lado, pode contribuir para a emancipação e formação das futuras gerações, e, por outro, pode estar a serviço da difusão dos interesses da classe social dominante, de forma implícita ou explícita. Com isto, evidenciamos a importância do professor crítico-reflexivo ao utilizar esse instrumento pedagógico. No que se refere às questões metodológicas, este artigo tem como base a perspectiva qualitativa. Buscamos, a partir da literatura e da experiência como professores/pesquisadores, avançar em alguns aspectos que julgamos pertinentes no debate educacional vigente.

Palavras-chave: Educação. Livro didático. Professor crítico-reflexivo.

¹ Doutorando e Mestre em Geografia pela Universidade de Brasília (UnB) na área de concentração em Gestão Territorial e Ambiental - Linha de pesquisa: Produção do Espaço Urbano, Rural e Regional - Eixo Temático: Ensino e método em Geografia. Professor da Carreira do Magistério Público da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF, componente curricular Geografia. Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás. Especialista em Metodologia de Ensino de Geografia e História. Licenciado em Pedagogia. Atualmente integra o grupo de pesquisa - Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores em Geografia da Universidade de Brasília - GEAF/UnB.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia - Universidade de Brasília. Mestre em Geografia pela Universidade de Brasília (2017). Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Albert Einstein (2011) e em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás (2009). Especialista em Orientação Educacional (Apogeu) e em Geografia Física e das Populações (Universidade Cândido Mendes). Docente na Rede Municipal de Ensino em Formosa-GO, com lotação atual na Secretaria Municipal de Educação. Possui experiência na docência do Ensino Básico ao Superior. Desenvolve pesquisa na área inerente ao ensino de Geografia. Possui publicações na área da Educação e Geografia Escolar.

³ Doutorando em Literatura pela Universidade de Brasília (2018) e professor da educação básica na Secretaria de Educação do Distrito Federal. Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade de Brasília (2004) e mestrado em Literatura pela Universidade de Brasília (2008). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura, Ensino, Representação, Leitura, Memória, Narrativa de Jovens, Escrita autoral e criativa



TEXTBOOK AND THE CRITICAL-REFLEXIVE TEACHER: possibles aprouchs

Abstract: This test makes reflections on education, textbook and critical-reflective teacher. We seek the ink on education in a capitalist society and to highlight the didactic book as a pedagogical tool that can function as a "double-edged sword": on the one hand, it can contribute to the emancipation and formation of future generations, and, on the other hand, may serve the diffusion of the interests of the dominant social class, implicitly or explicitly. With this, we highlight the importance of the critical-reflexive teacher when using this pedagogical instrument. To the methodological issues, this article is based on the qualitative perspective. We seek, from literature and experience as teachers / researchers, to advance in some aspects that we consider relevant in the current educational debate.

Keywords: Education. Textbook. Critical-reflexive teacher.

1 PALAVRAS INICIAIS

O livro didático é um instrumento específico e importantíssimo de ensino e de aprendizagem (LAJOLO, 1996, p. 4).

Para Carvalho Sobrinho e Leite (2016), na Educação Básica, sobretudo no processo de ensino-aprendizagem, os livros didáticos (LDs) se configuram como os principais recursos pedagógicos à mediação dos conhecimentos escolares. Os autores evidenciam a importância do instrumento tanto para a prática do professor, quanto para a vida escolar dos alunos, destacando que, em função da realidade vivida no Brasil, os livros didáticos muitas vezes se apresentam como o único material com o qual estes sujeitos têm contato durante o processo de escolarização. Na medida em que reúnem os conhecimentos/conteúdos que foram produzidos no percurso histórico da humanidade, não devem ser negligenciados ou mal utilizados, dada a sua condição de fonte cultural mais acessível e imediata no âmbito escolar.

Ao discutir sobre o assunto, Tonini (2011, p. 145), enfatiza que “em todas as partes do mundo, milhões de estudantes, todos os dias, nas mais diversas sociedades, entram em sala de aula com livros didáticos, desde a institucionalização da escola, pelo menos há alguns séculos”. Para a autora, assim, no que tange ao processo de ensino-aprendizagem, o



livro didático é um dos recursos mais universais na cultura escolar. Daí a necessidade de se refletir sobre a relevância e as formas de utilização adequadas desse recurso pedagógico.

Nesse raciocínio, Lajolo (1996, p. 4), também afirma que “o livro didático é um instrumento específico e importantíssimo de ensino e de aprendizagem”, pois reúne a gama de conteúdos essenciais à construção de conhecimentos. Dentre os vários materiais escolares existentes, ela realça a imprescindibilidade dos livros didáticos como ferramentas basilares à aprendizagem do educando.

Arelado a isso, e considerando a relevância do LD na Educação Básica e a necessidade da utilização adequada por meio do professor crítico-reflexivo, esse trabalho buscou pensar sobre questões fundamentais que perpassam a educação brasileira. Tal como defende Silva (2017a), o olhar crítico e reflexivo do professor é essencial, a fim de que os conteúdos se tornem mais significativos para as realidades dos alunos, visto que, por meio das práticas de ensino desafiadoras e problematizadoras das propostas colocadas pelo livro didático, é possível construir a cidadania e contribuir para a emancipação do indivíduo enquanto sujeito social.

Portanto, fundamentados nestas questões iniciais, procuramos estabelecer um diálogo entre a perspectiva de trabalho do professor crítico-reflexivo e a mediação educativa por meio do livro didático. Tal conexão se justifica por considerar que o docente é o principal mediador no processo educativo: é o elo entre o aluno e o conteúdo/livro didático. Na visão de Silva (2017a, p. 31, acréscimos nossos), ainda que, em muitos casos, o livro assuma centralidade no processo educativo, ao professor cabe “refletir sobre as informações, as teorias metodológicas e as concepções embutidas ali. Daí a importância da aptidão/qualificação e da criatividade do professor”.

É nesse sentido que consideramos adequada a perspectiva crítica no ensino, já que a prática pedagógica, sob seus pressupostos, deve assumir um papel transformador no processo de construção de conhecimento, isto é, sua natureza deve convergir para a formação de um sujeito crítico reflexivo e propositivo, assim como também o é o professor crítico.

Nessa tônica, Freire (1996), um dos mais ilustres pensadores da educação brasileira do século XX, argumentou que, mesmo passando por variadas modificações pelos



órgãos e programas governamentais que os adequem, por indicação e avaliação de professores, avaliadores e consumidores, o livro didático constitui um instrumento inacabado e em constantes alterações, segundo os interesses e as transformações que acontecem na sociedade. Esses interesses, quando não analisados criticamente e ressignificados pela prática docente, podem ser reproduzidos e contribuir para a formação que convém à classe hegemônica, o que dista da formação crítica-reflexiva do indivíduo.

O livro didático, segundo Bittencourt (1997), pode servir como um mediador entre a proposta oficial expressa nos programas curriculares e o conhecimento escolar a ser ensinado em sala de aula. Logo, não deve ser definidor da prática docente, nem tampouco o currículo escolar (SILVA, 2017a), pois se define como suporte e meio para o processo de ensino-aprendizagem.

É relevante observar que o livro didático não é o único instrumento utilizado no processo de ensino-aprendizagem na escola, mas é

[...] um dos suportes mais importantes no cotidiano escolar e é, sem dúvida, o mais utilizado e solicitado” em sala de aula [...] É ainda um instrumento de ação constante e que ainda encontramos muitos professores que o transformam em um mero compêndio de informações, ou seja, utilizam-no com um fim, e não como um meio, no processo de aprendizagem (CASTELLAR e VILHENA, 2010, p. 137).

Nesse contexto, é importante frisar que é preferível que o professor opte pela perspectiva crítico-reflexiva na escolha do livro didático, assim como na relação que será travada entre o LD e o aluno sob a sua condução, pois, a nosso ver, é nessa perspectiva que “o pior livro pode ficar bom na sala de um bom professor” (LAJOLO, 1996, p. 8). Por fim, endossamos a ideia de Silva (2017a, p. 32), ao pontuar que o professor deve desenvolver “práticas que levem o aluno a exercitar a sua capacidade de reflexão e criticidade, que provoquem os seus sentidos, que contribuam significativamente para a sua formação enquanto cidadão crítico e participativo”.



Volume, 15, número 1, ano 2019

5

2 A EDUCAÇÃO E OS LIVROS DIDÁTICOS NA SOCIEDADE CAPITALISTA: posições críticas

Segundo Luckesi (1994), ao se pensar a educação e a sociedade, é preciso levar em conta a existência de três tendências filosófico-políticas, a saber, educação como redenção, educação como reprodução e educação como um meio de transformação da sociedade. No primeiro caso, trata-se de um modelo de educação não-crítica, enquanto a segunda tendência adota um modelo crítico-reprodutivista, de maneira que ambas partem de concepções pedagógicas liberais que não têm o intuito de criticar o sistema capitalista vigente, e nem mesmo de criticar a exploração do homem pelo homem. A terceira tendência procura entender a educação como mediação de um projeto maior, um projeto social, porquanto não enquadra a educação em um patamar de conservação, sendo uma tendência crítica-progressista que faz severas oposições ao sistema capitalista.

Cumprido destacar que, conforme o escopo deste trabalho, optamos pela perspectiva educacional que considera a educação como um meio de transformação social. Sob essa ótica, compreendemos que o livro didático se firma como instrumento de formação voltado para a autonomia do sujeito e para o compromisso com o mesmo, com vistas ao rompimento das condições subalternas, impostas no bojo da sociedade capitalista.

Nesse contexto, Libâneo (1994) assevera que a educação é um processo que contribui para a mudança social, dado que:

[...] corresponde, pois, a toda modalidade de influências e inter-relações que convergem para a formação de traços de personalidade social e do caráter, implicando uma concepção de mundo, ideais, valores, modos de agir, que se traduzem em convicções ideológicas, morais, políticas, princípios de ação frente a situações reais e desafios da vida prática (LIBÂNEO, 1994, p. 22).

Paralelo a isso, e de acordo com Saviani (2008), pode-se entender que a reflexão sobre o caráter político da educação é sinônimo de pensar no caráter dual da escola: como um dos principais instrumentos colocados à disposição da ideologia dominante, por um lado, e como um elemento de emancipação do educando, por outro. Numa perspectiva crítica, a escola deve ser um lugar de embates contra a lógica dominante que explora as massas



populares. Assim, o papel do professor deve ser o de promover o desenvolvimento do senso crítico e reflexivo do estudante acerca das contradições que permeiam a vida social, e de instrumentalizá-lo a lutar contra elas.

Para que o aluno desenvolva a capacidade de reflexão, imanente ao próprio ser humano, é necessário que o professor, devido ao papel político que possui, propicie espaços para isso, a partir da crítica e da reflexão de sua própria prática. Na visão de Borges (2002, p. 210), “a reflexão crítica é emancipatória, porque liberta as visões acríticas, os hábitos, as tradições e os costumes não questionados, as formas de coerção e de dominação que tais práticas supõem o autoengano dos professores”. Reiteramos a relevância do professor crítico-reflexivo nesse processo, cujas características, para Libâneo (2002), são:

Fazer e pensar, a relação teoria e prática; agente numa realidade social construída; Preocupação com a apreensão das contradições; Atitude e ação críticas frente ao mundo capitalista e sua atuação; Apreensão teórico-prática do real; Reflexividade de cunho sociocrítico e emancipatório (LIBÂNEO, 2002, p. 63).

A partir disso, faz-se ainda oportuno destacar a importância da atuação docente na análise, avaliação, e, mais uma vez, na utilização do livro didático em sala de aula. Embora reconheçamos o aperfeiçoamento e a melhoria significativa da qualidade dos conteúdos presentes nesses materiais, é preciso apontar que ainda se nota a forte presença da inculcação ideológica de que os livros são possuidores. Segundo Gutiérrez (1988),

[...] manter o controle da escola é assegurar a transmissão ideológica, na medida em que graças ao caráter persuasivo, insistente e repetitivo da comunicação educativa, torna-se possível a interiorização de ideias e modos de agir e de pensar. Desde os professores até o desenvolvimento curricular, desde a seleção dos livros de texto e até as metodologias utilizadas, toda a prática pedagógica, enfim, está impregnada e saturada da ideologia dominante (GUTIÉRREZ, 1988, p. 25).

Por isso, é importante e necessário que os livros didáticos, como material que reúne o conhecimento escolar sistematizado, sejam analisados pelos professores e pesquisadores, e que sua utilização não se volte para a reprodução do sistema vigente, mas que seus conteúdos sejam ressignificados, tendo em vista o empoderamento, a emancipação e transformação do aluno, e, conseqüentemente, da sociedade.



Evidencia-se, assim, que, uma vez que "a educação é um ato político" (SAVIANI, 2008, p. 81), não se fazendo neutra ou desinteressada de um contexto social, o papel e/ou práticas de ensino do professor também o são. Sua ação deve ir além do livro didático como manual ou currículo a ser cumprido, devendo, ao contrário, apoiar-se neste para que o aluno seja capaz de desnudar, desvelar e transformar as nuances contraditórias do meio social em que vive. Para tanto, é preciso que o professor assuma um compromisso sociopolítico a partir do processo educativo que desenvolve.

O professor crítico-reflexivo, neste contexto, possui condições de transformar o livro didático – para além de seu caráter mercadológico e ideológico – numa ferramenta de formação comprometida com a justiça, transformação social, democracia, libertação, etc. O livro didático, enquanto grande referencial na sala de aula para alunos e professores, permite isso, a depender sobretudo da sua forma de utilização.

Numa sociedade capitalista, os livros didáticos não podem ser meras mercadorias, mas instrumentos de qualificação e capacitação do aluno para o enfrentamento das situações de desigualdades que tal modo de produção encerra. Logo, não podem servir como ferramentas ideológicas à mercê dos interesses da classe dominante, mas ao empoderamento do oprimido. Sobre isso, Saviani (2008, p. 45) é contundente ao destacar que os “conteúdos significativos se tornam instrumentos da crítica e da transformação social, visto que o domínio da cultura é indispensável para a participação política das massas”.

À luz disto, levando em consideração o fato do professor mediar o processo entre os saberes contidos nos livros e os cotidianos/dos sujeitos escolares, faz-se mister destacar que o posicionamento deste profissional é o de provocar a reflexão pela problematização dos fatos e conteúdos apresentados nos LDs. Concordamos que não existe neutralidade no modo como são estruturados e abordados os conteúdos em tais materiais, pois há, em tudo, intencionalidade – os livros estão permeados pelas visões de mundo de quem os projetou (indubitavelmente, seus propósitos não são os da classe dominada, mas da opressora). Diante disso, o professor cumpre uma posição elementar no processo de formação política do aluno, frente à sociedade capitalista: seu compromisso deve voltar-se ao social.



Vesentini (2008) alerta sobre o papel muitas vezes exercido pela escola e pelo educador de reproduzir a ideologia dominante e de inculcar na consciência das novas gerações as ideias e os valores que respaldam a manutenção da dominação social e das relações de poder daí decorrentes. Como dito, o livro didático pode se aliar às perspectivas dominantes ideologizadas, ou ao processo de emancipação do aluno. Para que atenda a esse último propósito, investimentos em políticas públicas são necessários, notadamente no âmago da formação (inicial e continuada) do professor e em suas condições de trabalho. Além disso, é necessário que professor se reconheça enquanto principal peça da transformação social, pois, na sua condição de mediador, é capaz de propiciar espaços de criticidade, reflexão, problematização e construção de pensamentos que fundam a ação cidadã, e, consequentemente a materialização de novos projetos e novas organizações sociais.

A nossa intenção é, assim, contribuir para o pensamento no que tange à educação e à utilização do livro didático no espaço escolar, ao tecer algumas considerações necessárias ao desvelamento da implicação das ideologias dominantes (quando reproduzidas) no processo de construção social. Desse modo, realizamos, na próxima seção, uma reflexão acerca da relevância do professor crítico-reflexivo, e da contribuição dos atributos dessa perspectiva para o uso do livro didático no ensino básico como ferramenta de emancipação e transformação da sociedade.

2.1 O professor crítico-reflexivo e sua contribuição para a utilização do livro didático

A discussão sobre a questão do professor crítico-reflexivo permeia debates levantados por vários pesquisadores que almejam um processo de ensino-aprendizagem voltado para a compreensão e intervenção social, frente às profícuas relações de poder movidas pela sociedade capitalista. Acreditamos que as práticas de ensino, ancoradas na perspectiva crítica, fornecem elementos teórico-metodológicos para o alcance de tais propósitos no âmbito da Educação Básica, por se fundarem na prática educativa questionadora, reflexiva, crítica e emancipadora, ou, em outras palavras, aquelas que se



situam como pedagogias articuladas com a prática social transformadora (BATISTA e LIMA, 2012).

A formação crítica e reflexiva requer um professor crítico-reflexivo (LIBÂNEO, 2002; CONTRERAS, 2002). A própria prática pedagógica, por sua natureza, exige uma tal perspectiva por parte do educador, devido aos processos de contradições que permeiam a educação escolarizada, num todo.

Nesse contexto, ser um professor crítico-reflexivo é se voltar para o entendimento e superação das mazelas sociais no bojo da hegemonia do capital. Ter um posicionamento docente com esse fim, sobretudo no contexto em que a escola é interceptada por forças controladoras diversas, não é uma tarefa fácil, e se constitui como um dos desafios a serem superados pelo próprio professor, enquanto sujeito decisivo no processo de formação cidadã do aluno. Entretanto, dar o primeiro passo, assumindo o compromisso político com a sociedade, é o caminho. E por que não começar pela problematização e reflexão dos fatos/fenômenos contidos nos LDs?

Segundo Bruini (2017), a concepção de um professor crítico-reflexivo tem como suporte a pedagogia libertadora de Paulo Freire já na década de 1970. Essa premissa, de acordo com a mesma autora, está atrelada a uma formação crítica que “deve conduzir ao desenvolvimento de cidadãos que sejam capazes de analisar suas realidades social, histórica e cultural, criando possibilidades para transformá-la, conduzindo alunos e professores a uma maior autonomia e emancipação” (BRUINI, 2017, s.p).

Na visão da autora,

[...] o professor crítico-reflexivo possui como uma de suas grandes características a preocupação com as consequências éticas e morais de suas ações na prática social. Um educador transformador crítico insere a escolarização diretamente na esfera política e vice-versa. Dessa forma, ele concebe os alunos como agentes críticos, o conhecimento se torna problematizador, o diálogo crítico e afirmativo e os argumentos, a favor de um mundo melhor para todas as pessoas (BRUINI, 2017, s.p).

A nosso ver, o professor crítico-reflexivo é capaz de se colocar em um processo permanente de formação para uma melhor atuação na prática social, a partir da reflexão tanto



dele mesmo quanto do aluno. Paulo Freire (1979), ao discorrer sobre esse prisma, adverte que é por meio da experiência nas relações com mundo que o homem desenvolve sua ação-reflexão.

Nesse sentido, advogamos que o professor crítico-reflexivo é capaz de realizar a educação como um meio de transformação da sociedade. Ao desenvolver o processo de ação-reflexão, seja da própria prática (no caso do professor), seja da realidade social em que se insere (no caso do aluno), as contradições são desmascaradas e outras formas de trabalho ou de organização social se revelam. Para tanto, o livro didático, como o recurso pedagógico mais acessível ao aluno e ao professor, não deve se configurar como um manual (com verdades absolutas e questões inquestionáveis) ou currículo a ser cumprido, mas contribuir para a formação sólida, emancipadora e transformadora da sociedade. De tal maneira, o professor tem a possibilidade de refletir sobre a sua prática docente no que se refere à utilização do livro didático, tendo em vista a formação cidadã.

Se cidadania se aprende, como pontuou Santos (2014), ou se “se constitui de práticas resultantes de um processo de formação intencional, de uma construção”, como defende Silva (2017b, p. 69), não vislumbramos outro caminho para os nossos devaneios, senão a prática de ensino do professor crítico-reflexivo na formação de cidadãos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciou-se, mediante as reflexões içadas, que o livro didático é um importante instrumento pedagógico na Educação Básica, que desempenha papel fundamental na busca pela formação cidadã e reflexiva. Entretanto, por intermédio dos problemas característicos desse instrumento, é a atuação do professor crítico-reflexivo que emerge como uma possibilidade de ressignificar a utilização do mesmo nas atividades pedagógicas.

Ao tecer reflexões sobre a educação em uma sociedade capitalista, como é o caso do Brasil, não podemos negligenciar a função do professor crítico-reflexivo na utilização do livro didático, bem como em vários outros contextos de práticas pedagógicas. Assim,



aprendemos que o professor crítico-reflexivo é aquele que faz reflexões acerca da sua própria prática, e é capaz de criticá-la, de modo a aproximar o seu trabalho enquanto mediador da prática social, contribuindo para a libertação dos dominados. Nesse sentido, é um professor que não apenas “passa conhecimentos”, mas os constrói por meio do diálogo com seus educandos, para que, juntos, busquem a autonomia no processo de construção dos conhecimentos.

À guisa de conclusão, destacamos que, a partir da literatura e da experiência como professores/pesquisadores, essas reflexões podem contribuir para os docentes das diversas áreas do conhecimento, na medida em que abordam aspectos que julgamos pertinentes para o debate educacional em geral.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Eraldo Leme; LIMA, Marcos Roberto. A pedagogia histórico-crítica como teoria pedagógica transformadora – da consciência filosófica à prática revolucionária. In: MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão; BATISTA, Eraldo Leme. **Pedagogia histórico-crítica: desafios e perspectivas para uma educação transformadora**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2012.

BITTENCOURT, T. C. M. F. **Livros didáticos entre textos e imagens**. In: BITTENCOURT, C.M. F. (Org.). *O saber histórico em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 69-90.

BORGES, R. de C. M. B. O professor reflexivo-crítico como mediador do processo de inter-relação da leitura-escrita. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

BRUINI, Eliane da Costa. **O professor crítico-reflexivo**. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/orientacoes/o-professor-critico-reflexivo.htm>>. Acesso em 30/11/2017.

CARVALHO SOBRINHO, Hugo de; LEITE, Cristina Maria Costa. Abordagem do lugar no livro didático de geografia do 6º ano do ensino fundamental. **Revista Cerrados**, [S.l.], v. 14, n. 2, p. 125-140, 2016. ISSN 2448-2692. Disponível em: <<http://www.periodicos.unimontes.br/cerrados/article/view/92>>. Acesso em 27/12/2017.



Volume, 15, número 1, ano 2019

12

CASTELLAR, Sônia Maria; VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. 1ª ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CONTRERAS, J. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ª ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1979.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996, 146p.

GUTIÉRREZ, Francisco. **A educação como práxis política**. São Paulo: Summus, 1988.

LAJOLO, M. **Livro didático: um (quase) manual de usuário**. Em Aberto, Brasília, ano 16, n.69, jan./mar. 1996, p. 3-9.

LIBÂNEO, J. C. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? In: PIMENTA, S. G. e GHEDIN, E. (orgs). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. 1ª ed. São Paulo: Ed. Cortez, 1994.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 7ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. Campinas, São Paulo: Autores associados. 2008.

SILVA, Alcinéia de Souza. Reflexões acerca das assimetrias entre a prática pedagógica e as proposições das políticas voltadas ao programa nacional do livro didático e à formação de professores. **Revista Querubim**, Rio de Janeiro, vol. 01, ano 13, nº 32, p. 24-33, 2017a.

_____. **Juventudes e movimento de ocupação das escolas: caminhos e desafios para o ensino de Geografia**. Dissertação de Mestrado, Brasília-DF, Universidade de Brasília, 2017b, 161p.



Volume, 15, número 1, ano 2019

13

TONINI, Ivaine Maria. **O ensino de Geografia e suas composições curriculares**: Livro Didático: textualidades em rede? Porto Alegre: UFRGS, 2011, 180p.

VESENTINI, J. W. **Para uma Geografia Crítica na Escola**. São Paulo: Editora do Autor, 2008, 107p.